

ENTRE O LYCEU PARAIBANO E A CASA DO ESTUDANTE DE JOÃO PESSOA: WILSON LEITE BRAGA E OS ESPAÇOS DE PROJEÇÃO DA ELEITE POLÍTICA PARAIBANA

Josenildo Marques da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho, propõe analisar a trajetória educacional do político Wilson Leite Braga em sua passagem por duas destacadas instituições do meio estudantil paraibano na década de 1950, o colégio Liceu e a CEP (Casa do Estudante de João Pessoa). O objetivo central da pesquisa visa problematizar como esses espaços eram meios de projeção desse político e de outros representantes da elite política paraibana (Dorgival Terceiro Neto, Argemiro de Figueiredo, Drault Ernany e José Américo). Tais instituições são analisadas não apenas enquanto locais de abrigo e formação educacional, mas principalmente como meios possíveis do exercício de liderança política e de propaganda, articuladas por jovens descendentes de tradicionais famílias políticas do estado (Wilson Leite Braga), bem como por políticos já consolidados no campo (Argemiro de Figueiredo, Humberto Lucena). Com base nos autores Francisco Bezerra (2017), José Rafael Meneses (1982), buscamos compreender a presença de diferentes representantes do legislativo estadual nesses espaços, apresentando, por meio de uma análise documental de jornais (O Norte, A União) e outras fontes, uma leitura biográfica e prosopográfica da elite, vista na trajetória de Wilson Leite Braga. Para esse caminho metodológico, dialogamos com autores como Benito Bisso Schmidt (2012), Lilia Moritz Schwarcz (2013) e Pierre Bourdieu (1996), que abordam o método biográfico, e com Christophe Charle (2006) e Andrius Estevam Noronha (2011), que tratam do método prosopográfico ou biografias coletivas. Como resultado, enfatizamos como determinadas instituições do

1 Doutor em História pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE, jjossenildo@gmail.com

seguimento estudantil são utilizadas para projeção e manutenção de famílias tradicionais no campo da política.

Palavra-chave: Liceu Paraibano, Casa do Estudante, Wilson Leite Braga, Elite Política.

INTRODUÇÃO

Em fins da década de 1940 ingressava Wilson Leite Braga no tradicional Liceu Paraibano, uma instituição criada desde o Império Brasileiro e que tinha por característica o status de ser o caminho percorrido por jovens que integravam as principais famílias da política na Paraíba (Alfredo da Gama e Mello, Álvaro de Carvalho, Álvares Lopes Machado, João Pereira de Castro Pinto, João Pessoa, entre outros). Diferentemente desses nomes, no entanto, Braga abrigou-se no início dos anos 1950 na capital do Estado numa instituição mais recente, a Casa do Estudante de João Pessoa, um antigo casarão mantido com a ajuda do governo e de ações filantrópicas que servia de moradia para estudantes vindos de regiões mais distantes do estado, como o sertão paraibano.

Tais instituições, embora sendo sintomáticas das precárias condições de educação ofertadas nos anos 1940/1950 no Brasil, devem ser analisadas também como meios de passagem e projeção das famílias que integravam (e ainda integram) a elite política do estado paraibano. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo analisar biograficamente a trajetória de um desses personagens, utilizando-o como fio condutor para problematizarmos os comportamentos e práticas dessa elite política no universo do meio estudantil. À medida que mergulhamos na história dessas instituições, buscamos compreender como atuavam e se projetavam politicamente personagens integrantes desse grupo dirigente do Estado, assumindo posições de liderança e lançando mão de estratégias para entrar e permanecer no campo político.

Com base em documentos produzidos sobre o Liceu Paraibano e Casa do Estudante de João Pessoa (jornais, relatórios, livros de memorialistas) acompanhamos a trajetória de Wilson Leite Braga por essas instituições evidenciando como tais espaços eram utilizados politicamente na promoção de carreiras e campanhas políticas no estado paraibano. É impossível mergulhar nos vestígios ainda existentes sobre esses espaços sem perceber de imediato que não se tratavam apenas de meios de formação e abrigo para jovens provenientes de setores distantes do estado. Tratava-se também de um espaço de circulação e formação de nossa elite política e um símbolo de poder político para diferentes governadores do estado, a exemplo do governador José Américo de Almeida e Argemiro de Figueiredo, e senadores como Humberto Lucena e Drault Ernany.

Para atingir tal objetivo, foi imprescindível operar e problematizar com conceitos como Elite Política e Cultura Política. Metodologicamente, as noções de

biografia histórica, com base no pensamento dos autores Benito Bisso Schmidt (2012), Lilia Moritz Schwarcz (2013) e Pierre Bourdieu (1996), e prosopografia (Charle, 2006; Noronha, 2011), contribuem para uma análise não apenas de um representante da política, mas de tantos outros que também estavam presentes nesses mesmos espaços, utilizando-os como meios de projeção de suas carreiras políticas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

A presente pesquisa fundamenta-se no que autores como Charle (2003) entende por biografia coletiva ou prosopografia, ao nos direcionar a refletir sobre a existência de uma lógica estrutural que explica os condicionamentos próprios de determinadas trajetórias, seus lugares de formação, suas linhas teóricas e políticas de atuação dentro de um sistema de referências ou, mais precisamente: “o espaço social e ideológico no interior do qual pensam e se situam” (Charle, 2003, p. 155).

Utilizamos duas categorias de análise como base do. A primeira, relaciona-se ao que se entende por elite política ou a forma como essa noção é utilizada e operacionalizada ao longo das linhas que estruturam o trabalho. A segunda, dispõe sobre a relevância da categoria de cultura política, uma ferramenta teórica vista aqui como imprescindível no entendimento de questões que relacionam o indivíduo a um determinado grupo social, a exemplo dos valores, normas e práticas que são partilhadas por esse indivíduo como elementos de referências de uma tradição política.

Sobre a noção empregada de elite política, a pesquisa dialoga com os pressupostos de Wright Mills em sua obra *A Elite do Poder*. Em Mills (1982, p. 12) a identificação da elite é realizada através do método posicional onde leva-se em consideração os “postos de comandos estratégicos da estrutura social”, estando entre eles a “máquina do estado, a organização militar e as grandes companhias”. A perspectiva do autor, ao considerar a posição ocupada pelos indivíduos em postos decisórios de comando como meio de identificação da elite, nos permite pensar Wilson Leite Braga, e outros políticos mencionados ao longo do estudo, como típicos integrantes dessa elite, sobretudo ao alcançarem o nível máximo da representação política em seu estado: o cargo de governador.

A pesquisa também dialoga com as ideias problematizadas por Êder Rodrigo Gimenes, no estudo *Teoria das Elites e as Elites do Poder*. Neste,

Gimenes (2014, p. 144) aponta, com base na leitura de autores como Michels (1982), Mills (1982), Mosca (1982) e Pareto (1984), três variáveis a serem consideradas no estudo da elite política, qual seja: a identificação da origem social, da trajetória profissional e dos valores compartilhados pelo grupo. Tais variáveis constituíram, portanto, os pontos de investigação deste trabalho sobre a vida do político Wilson Leite Braga em suas conexões com os integrantes da elite política atuante em seu estado, sendo tomadas como elementos que estruturam a produção do trabalho.

O Conceito de cultura política foi igualmente importante para a fundamentação das ideias desta pesquisa, especialmente conforme o pensamento cunhado por Serge Berstein em seu trabalho *Culturas Políticas e Historiografia*. Para Berstein (2009, p. 29) operar com a noção de cultura política, é acompanhar as mudanças de renovação ocorridas nos objetos e métodos da História Política, a partir do final dos anos 1960, por meio dos pressupostos defendidos por pesquisadores como René Rémond. Embora suas primeiras formas de utilização sejam bem mais recentes - anos 1990 com a historiografia francesa – essa renovação possibilitou uma aproximação da História Política com outras áreas e linhas de pensamento, a exemplo da Ciência Política e da História Cultural, esta última no que diz respeito ao estudo das representações.

Analisando os comportamentos assumidos pelo político Wilson Braga ao longo de sua trajetória, suas escolhas, decisões, não decisões, como referências de um grupo, de uma coletividade, verificamos a possibilidade de operar com essa noção de cultura política. Isso porque, ela é geralmente concebida pelos historiadores como: “um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas e que vão muito além da noção reducionista de partido político” (BERSTEIN, 2009, p. 31).

Através do uso dos pressupostos da biografia histórica e do método propopográfico, bem como das categorias de análise mencionadas, o trabalho consistiu na produção de uma pesquisa de trajetória sobre o político Wilson Braga focada em duas chaves de leitura, a saber: a formação estudantil e a atuação política. Tal trajetória foi entrelaçada pela construção de perfis de familiares, colegas estudantis e políticos que conviveram com esse parlamentar e que servem de base para pensarmos o perfil e os comportamentos da elite política paraibana no cenário político, entre os anos 1950 a 1970.

Desse modo, foi relevante o trabalho com diferentes tipos de fontes como periódicos e livros de memorialistas que escreveram sobre a história de suas

famílias. Tais documentos foram divididos em várias sessões, sendo analisados através do trabalho de crítica ao documento, considerando suas divisões, natureza, similaridade das informações apresentadas e fichamento das principais ideias presentes nos documentos. Aliada a esses documentos, também utilizamos a pesquisa nos verbetes da Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FVG), onde foram acessadas e analisadas as informações biografias dos políticos apresentados neste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em 1949, após enfrentar mais um exame admissional, ingressava Wilson Braga no tradicional Liceu Paraibano. Seguiu, assim, o percurso percorrido pelo seu irmão mais velho, Walter Braga, já com um ano de estudos nessa instituição, e outros colegas estudantes do Sertão paraibano, como Dorgival Terceiro Neto, Euclides Dias de Sá, Francois Leite Chaves e José Soares Madruga².

Sua entrada como aluno liceano se dava também pela própria história difundida sobre a escola. Tendo sido fundada durante o Império Brasileiro e elevada à categoria de escola com as mesmas vantagens do Ginásio Nacional (Colégio Pedro II)³, era ela um caminho quase certo das famílias de políticos tradicionais do Estado. Mesmo as famílias que residiam em pontos mais extremos, como a de Wilson Braga no Sertão, consideravam o Liceu o local mais propício para garantir a profissionalização dos seus herdeiros políticos. Isso porque, tinha o status de escola onde estudaram intelectuais como Augusto dos Anjos e grande parte dos políticos que governaram a Paraíba, como Alfredo da Gama e Mello, Álvaro de Carvalho, Álvares Lopes Machado, João Pereira de Castro Pinto, João Pessoa, entre outros.

No Liceu, Wilson Braga passava a estudar numa instituição preparatória para o ensino superior e contava com mais recursos didáticos para a sua formação intelectual e, posterior, ingresso na carreira política. Porém, excetuando-se

2 Sobre essa lista de pessoas que estudaram com Wilson Braga no Liceu Paraibano, ver: Pimentel (2005, p. 22).

3 Essas Vantagens do Liceu Paraibano foi conquistada através do Decreto nº 2301, de 01 de julho de 1896, aprovado pelo presidente Prudente José de Moraes Barros. Ver: SENADO FEDERAL. Decreto n. 2301 – de 1 de julho de 1896 in: <http://legis.senado.leg.br/norma/396246/publicacao/15629898>. Acesso em 18/02/2023.

esses aspectos, dava continuidade nessa escola ao tipo de formação recebido no colégio anterior, sobretudo quanto ao ensino voltado para os ideais cívicos, religiosos e políticos do cidadão, ofertado por profissionais divididos entre clericalistas e liberais⁴.

Nesse sentido, por meio dos chamados mestres-escolas - professores fundamentados na Igreja Tridentina e em seu movimento educacional ultramontanista⁵ - Wilson Braga seguia a formação baseada no ensino clássico de filosofia e línguas estrangeiras, como Latim e Francês. Tinha também um ensino de forte tendência eurocêntrica, por meio dos conteúdos clássicos de História e Geografia, e ênfase ainda nas disciplinas de Português e Matemática.

Para além dos aspectos mais estruturantes do Liceu, esse ambiente foi um espaço propício para o início da carreira política de Wilson Braga. Como aluno dos anos finais do ensino secundário, ele passou a ingressar em grêmios e outras associações estudantis e presidir espaços privilegiados que serviam tradicionalmente de passagem para uma futura carreira política. Este era o caso da Casa do Estudante Pobre (CEP) de João Pessoa, uma instituição que abrigava jovens provenientes das mais distantes regiões da Paraíba, sendo também um ponto de passagem de futuros integrantes da política do Estado.

Criada no governo de Argemiro de Figueiredo (1935-1940), sob o decreto 698, de 11/04/1936, mas instituída apenas em 12/03/1937, através do decreto 728, a história da Casa do Estudante de João Pessoa está diretamente entrelaçada a história e influências do Liceu Paraibano. Loureiro (1989, p. 44) descreve como o próprio orçamento dessa instituição foi levantado, em parte, a partir da caixa escolar do Liceu Paraibano (vinte contos de reis) e como a sua administração esteve a cargo do diretor dessa escola, o professor Matheus de Oliveira⁶.

Não deixando de considerar os interesses políticos impetrados no governo de Argemiro de Figueiredo para institucionalização da CEP, deve-se acrescentar também a participação de um grupo significativo de alunos do Liceu, que atua-

4 Sobre esse perfil dos professores do Liceu Paraibano, ver: Mello (2019, p. 41).

5 Segundo Ítalo Santirocchi (2017, p. 170), esse paradigma tridentino tem relação com o Concílio de Trento (1945 - 1963), assembleias que buscavam repensar as doutrinas e organização da Igreja Católica. Já o ultramontanismo trata-se de um momento que tem como base a defender a autoridade do papa em âmbito universal.

6 Na edição de 01 de agosto de 1937 do Jornal A União (p.03), é citada essa fundação da Casa do Estudante Pobre da Paraíba.

ram para efetivação desse projeto⁷. Da data de oficialização até o ano de 1950, quando essa Casa conseguiu a sua autonomia no governo de Osvaldo Trigueiro, verifica-se que o seu público frequentador era pertencente a essa escola, sendo a própria CEP um espaço utilizado como extensão do que ocorria no Liceu⁸.

Outro aspecto característico dessa aproximação entre o Liceu Paraibano e a CEP, foi o uso estratégico desse espaço para fins político-partidários. Tendo começado apenas como uma instituição adaptada para dormitório de um pequeno número de alunos, ela foi rapidamente sendo transformada num espaço mais permanente desses estudantes. Nos anos 1940 e 1950 essa instituição passou a fornecer refeições e apresentou um significativo aumento no número de membros, o que ocorreu, sobretudo, em face da sua utilização massiva para capitalização de votos e fortalecimento de alianças políticas.

Para Loureiro (1989, p. 51) é no governo de José Gomes da Silva, intervenitor em 1946, que a CEP é diretamente explorada como moeda de troca, sendo esse político responsável por garantir que parentes, amigos e correligionários pudessem ter acesso a Casa, por meio de um cartão amarelo, espécie de senha que identificava os seus residentes. Foi no governo de José Gomes ainda, através dessa política de troca de favores, que a CEP se tornou uma instituição formada em sua maioria por residentes vindos da região desse governador, do Vale do Piancó, sendo presidida por alunos provenientes principalmente de três municípios: Conceição, Itaporanga e Piancó⁹.

É imerso, portanto, numa estrutura política favorável, tanto por ter sido uma instituição fundada por Argemiro de Figueiredo, quanto pelo domínio majoritário que o grupo do Vale do Piancó já dispunha na CEP, que Wilson Braga se insere nela e na política estudantil proveniente do Liceu Paraibano. Como 63º sócio, conforme consta na documentação da CEP, Wilson Braga tornou essa instituição o seu primeiro espaço de exercício de uma liderança estudantil e ao mesmo tempo partidária.

7 Moreno (2011, p. 11) cita uma lista dos alunos do Liceu que atuaram para criação da CEP, estando entre eles: Damásio Franca, Augusto Lucena, Fernando Barbosa, Samuel Souto Maior Filho, Áreo Meneses, Antônio Queiroz, Eustáquio de Medeiros, Rossine Lira e Petrônio Cesar de Lemos Campelo.

8 Bezerra (2017, p. 156) comenta sobre a relação entre a CEP e o Liceu Paraibano através da metáfora de um cordão umbilical, afirmando que o que ocorria na Casa reverberava no Liceu, o que se vivenciava na Escola era estendido a convivência na Casa de diferentes formas.

9 Bezerra 2017, p. 165) menciona esse domínio na CEP de alunos do Vale do Piancó, destacando José Gomes da Silva como político natural de Itaporanga-PB.

Contudo, isso não significa que a sua escalada a presidência da CEP em 1951 ocorreu de modo tranquilo. Uma vez que o grupo dos líderes estudantis udenistas do Vale do Piancó já estava estabelecidos na Casa, Wilson Braga foi aos poucos construindo laços e formando um grupo de amigos aliados que se interessavam pela administração dessa instituição. A partir do apoio de colegas vindos da sua região (José Soares Madruga, José Nabor de Assis, Orlando de Oliveira Nóbrega) Braga assumiu essa posição de comando da CEP e passou a empreender uma extensa campanha, para além dos muros dessa instituição, sendo por ela conhecido em diversos espaços sociais da capital¹⁰.

Para o exercício de sua liderança, foi fundamental a força da propaganda veiculada por colegas jornalistas que residiam na CEP e trabalhavam em jornais como o citado O Norte¹¹. Por meio de veículos como esse, a CEP era apresentada no início dos anos 1950 como estando em verdadeira calamidade, com espaço físico incompatível com o número de estudantes que se deslocavam à capital, deteriorado e com sérios problemas de saneamento. A arrecadação financeira, que ocorria por meio do patrocínio dos estudantes associados e da suplementação do Estado e municípios, era também descrita como insuficiente para manutenção das despesas da instituição que vinha, desse modo, acumulando uma série de dívidas com diferentes fornecedores¹².

A partir do momento em que os problemas enfrentados pelos residentes da Casa do Estudante ganharam as páginas dos principais periódicos paraibanos, quando corriqueiramente os jornais estampavam essa situação de calamidade, a instituição tornou-se centro da atenção de inúmeras autoridades políticas. Nesse bojo, o então presidente Wilson Braga passará a condição de frequentador assíduo do Palácio do Governo, na administração de José Américo (PL), sendo logo destacado nas páginas da imprensa como “jovem de tirocínio administrativo” e estudante “devotado” a lutar pela melhoria das condições de vida dos residentes dessa Casa¹³.

10 Sobre essa disputa na CEP entre Wilson Braga e líderes udenistas, ver Mello (1993, p. 204).

11 Dentre esses colegas estão os jornalistas José Morais Souto e Ivanildo Maciel, colunistas do jornal O Norte.

12 Quanto a campanha empreendida por melhorias e construção da Nova Casa do Estudante articulada por jornalistas residentes nessa instituição, bem como o modo como Wilson Braga era citado na imprensa, ver: Souto, José Morais. Só Não Falta Nada na Casa do Estudante. In: O Norte, 13 de janeiro de 1952, Ano XLII, nº 569, p. 5 a 8.

13 Ver essa descrição de Wilson Braga em: Souto, José Morais. Só Não Falta Nada na Casa do Estudante. In: O Norte, 13 de janeiro de 1952, Ano XLII, nº 569, p. 8.

Estando a frente dessa instituição, Braga tornou-se figura conhecida do governador José Américo, encontrando-se com ele em pelo menos três ocasiões, onde reivindicava melhorias para a Casa do Estudante. Nessas reuniões, estabeleceu contatos com alguns secretários que eram indicados pelo governador para o atendimento as reivindicações, como o político José Fernandes de Lima, responsável pela Secretaria da Agricultura:

O presidente da Casa do Estudante, o pré-universitário Wilson Leite Braga, travou entendimento com o Governador José Américo, solicitando de sua Excia. medidas urgentes para beneficiar a entidade que dirige [...]. O Governador, prontamente, atendeu o pedido do esforçando presidente da C.E.P. dizendo-lhe que se entendesse com o dr. José Fernandes de Lima, secretário da Agricultura, o que foi feito sem demora. (O Norte, 13 de janeiro de 1952).

Diante de vagas promessas de atendimento político que passam dias a fio e acabam demorando para ser concretizadas, nos famosos “chás de cadeira”, a rede de relações políticas de Wilson Braga, bem como de outros colegas da pauta Casa do Estudante, foi estendida para além do Palácio do Governo. Na própria matéria apresentada acima, de autoria do estudante e Jornalista José de Moraes Souto, registra-se como esses estudantes se mobilizaram através de contatos diretos na Assembleia Legislativa. Saindo do executivo para o legislativo, logravam, assim, maior êxito nesse segundo poder, conseguindo a aprovação de requerimentos que comissionavam os parlamentares para realizarem visitas e relatarem a situação da CEP.

Estando a frente desses pareceres deputados conhecidos do grupo estudantil, como Napoleão Abdon Nóbrega¹⁴, os estudantes recebiam posição favorável e, mais que isso, a instituição era propalada no meio político como estando em “estado triste e desolador” e “em petição de miséria”. Com o posicionamento assumido por esse seguimento da imprensa e o apoio recebido e oficializado pelos integrantes da Assembleia Legislativa da Paraíba, a CEP tornava-se centro de preocupação e visitação de diferentes seguimentos da política

14 Deputado estadual eleito em 1950 pela Coligação Democrática Paraíba (CDP) formada na aliança entre o PSD e o PL. Ver: Eleições de 1954 para Deputado Estadual na Paraíba in: <https://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/resultados-de-eleicoes>. Acesso em 10/07/2021 as 17:00 horas.

do estado, especialmente em face da eminência das eleições para o senado federal, prestes a ocorrerem em setembro de 1952.

No dia 29 de fevereiro 1952, o então presidente da CEP, Wilson Braga, convocava a comunidade estudantil para comparecer a instituição por ocasião da visita do candidato a suplente de senador Drault Ernany (PSD). Além da presença de um prestigiado político com influências em âmbito federal, estariam presentes ainda outras autoridades, como o presidente da Assembleia Legislativa, Ivan Bichara¹⁵, prefeitos, como Praxes Pitanga (PTB) do município de Misericórdia, e integrantes de jornais de outros estados, a exemplo do Diário do Pernambuco¹⁶.

Visitas de políticos prestigiados do momento, como a de Drault Ernany, tornavam-se importantes na resolução das reivindicações dos estudantes. Mas, eram também ocasiões importantes para atuação daqueles que pretendiam ingressar numa futura carreira política. No caso de Wilson Braga, foi um momento significativo para consolidação da sua liderança no meio estudantil, uma vez que o regimento da CEP previa eleições anuais para formação da nova mesa diretora, sendo ainda um meio de se apresentar para os principais integrantes da política do Estado. Tanto o é que o Jornal O Norte menciona o papel desempenhado por Wilson Braga na organização do evento e apresentação das dependências da Casa para essa comitiva:

A convite do acadêmico Wilson Leite Braga, presidente da Casa do Estudante da Paraíba, o dr. Drault Ernany percorreu todas as dependências do Casarão da rua da Areia, assegurando aos seus dirigentes que contarão com a sua ajuda sempre que se fizer necessário para melhoria das condições em que vivem os estudantes pobres que valem da Casa do Estudante como a única maneira de se manterem nesta capital, para prosseguir os estudos. (O Norte, 01 de março de 1952).

Com a presença constante dessas autoridades políticas na CEP foi, assim, oficializada uma campanha que ia além das primeiras reivindicações levanta-

15 Deputado estadual eleito em 1950 pela Coligação Democrática Paraibana (PSD/PL), foi líder do governo de José Américo e eleito presidente da Assembleia Legislativa no biênio 1951-52. Nesse período em que visitou a Casa do Estudante de João Pessoa era também diretor do Jornal O Norte, principal periódico de apoio aos integrantes dessa instituição nos anos 1950. Ver dados em: Centro de Pesquisas e Documentações da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) in: <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ivan-bichara-sobreira>

16 Quando a visita de Drault Ernany a Casa do Estudante, ver: O Norte, 29 de fevereiro de 1952, Ano XLII, N° 607.

das pelos líderes dessa Casa. Já não se tratava mais da proposição de reformas pontuais apenas, mas da construção de uma nova Casa capaz de abrigar mais pessoas e oferecer a esses residentes um ambiente moderno e adaptado as suas necessidades. Tal campanha, veiculada na edição de 16 de abril de 1952 do jornal O Norte, sob forma de sessão secretariada por Wilson Braga, aproximava diretamente as lideranças políticas do estado, oferecendo aos líderes estudantis ainda maior visibilidade nesse campo político.

Nessa sessão de oficialização da campanha pró construção da nova Casa do Estudante, estava presente nomes como o deputado Humberto Lucena (PSD) e autoridades políticas municipais, como os vereadores Claudio de Paiva Leite (UDN) e Diogenes Martins Moraes (UDN). Nesse sentido, atuando no meio político-partidário, Wilson Braga estabelecia com esses representantes do legislativo, e outros de diferentes âmbitos da sociedade civil, os nomes que encabeçariam as comissões para efetivação da campanha.

Uma breve observação dos nomes eleitos para presidir as comissões, que haveriam de colocar em prática o plano de ação para construção da nova Casa, é suficiente para percebermos como essa instituição era um verdadeiro espaço de promoção da política partidária e como ela atingia os diferentes setores da sociedade. Na chamada comissão de honra da Casa aparecia os nomes do governador José Américo, do deputado Ivan Bichara, do Arcebispo Metropolitano e de diversos prefeitos e diretores das Faculdades do Estado; na comissão geral, membros como o citado Humberto Lucena, Fernando Milanez (PSD)¹⁷ e Luiz Inácio Ribeiro Coutinho (UDN)¹⁸ e; na comissão executiva do plano, destacava-se o nome de Wilson Braga e colegas militantes da Casa, como José Soares Madruga.

Estendia-se através das propostas, projetos e mobilizações para a construção da Casa uma ampla rede de relações políticas que ia do executivo estadual até o legislativo municipal da capital e outros municípios. Rede de relações que se ampliavam ainda para o Congresso, por meio de contatos entre deputados estaduais e parlamentares. Um desses exemplos foi a troca de correspondências

17 Deputado estadual eleito pela Coligação Democrática Paraibana (PSD/PL) em 1950. Dados em: <https://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/resultados-de-eleicoes>. Acesso em 10/07/2021 as 18:43 horas.

18 Prefeito do município de Sapé eleito em 1947 pela legenda UDN. Dados em: <https://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/resultados-de-eleicoes>. Acesso em 10/07/2021 as 18:30 horas.

entre o deputado Octacílio Queiroz¹⁹ com o senador Ruy Carneiro (PSD), solicitando deste, e dos senadores Assis Chateaubriand (PSD) e Virgínio Veloso (PSD), providências quanto a situação dos jovens estudantes de João Pessoa²⁰.

Nesse caso específico, os problemas enfrentados pelos estudantes de João Pessoa e sua luta em prol da construção da nova Casa deixava de ser uma questão tratada na esfera estadual e chegava ao executivo federal. Isso porque, tomando conhecimento do relato apresentado pelo deputado Octacílio, Rui Carneiro se comprometia a convocar o deputado Janduhy Carneiro (PSD) a levar a questão para o então ministro da Educação, afirmando ainda que naquele mesmo instante entraria em contato com o presidente Getúlio Vargas, dando a este conhecimento do que estava ocorrendo com os estudantes da capital.

Esse período em que Wilson Braga esteve na presidência da Casa do Estudante foi uma fase de coroação da sua liderança estudantil, sendo também capaz de construir bases importantes para a sua entrada na carreira política. Estando a frente dessa campanha, pode não apenas conhecer e atuar ao lado de destacadas lideranças políticas da Paraíba, como alcançar resultados concretos das reivindicações, sobretudo junto ao executivo estadual. Rede de relações políticas adquiridas que, somadas as próprias conexões políticas já consolidadas por sua família, foram fundamentais para sua reeleição como presidente da Casa²¹.

Ante o contexto de mobilizações em prol da CEP e os ecos que se faziam notórios no meio social e político sobre esse tema, o governador José Américo adotou uma série de medidas com vistas a atender as principais reivindicações dos estudantes²². Desta feita: autorizou o pagamento de dívidas contraídas pela Casa no comércio local; aumentou a subvenção de 3 mil cruzeiros mensais para 8; iniciou uma reforma na instituição, construindo novos quartos e melhorando o sistema de saneamento; mobilizou a Secretaria de Assistência Social para doa-

19 Deputado estadual eleito pela Coligação Democrática Paraibana (PSD/PL) em 1950. Dados em: <https://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/resultados-de-eleicoes>. Acesso em 10/07/2021 às 18: 52 horas.

20 Essa troca de correspondência entre Octacílio Queiroz e Rui Carneiro é citada em: O Norte, 29 de março de 1953, Ano XLIII, nº 1028.

21 No mês de setembro de 1952 foi eleita a nova Mesa diretora da Casa do Estudante, sendo composta da seguinte forma: Wilson Leite Braga (presidente); José Nabor de Assis (Vice-presidente); Dorgival Terceiro Neto (tesoureiro e; Euclides Dias de Sá (chefe de património da Casa). Ver: O Norte, 09 de setembro de 1952, Ano XLII, nº 763.

22 Ver O Norte, 19 de março de 1952, Ano XLII, nº 623.

ção de verba destinada a compra de utensílios para a Casa e; fez a doação de um terreno próximo ao Colégio Estadual (Liceu Paraibano), encaminhando para a Assembleia um projeto de abertura de crédito suplementar de 2 milhões para construção de duas Casas do Estudante, sendo uma em Campina Grande e a outra em João Pessoa.

Os resultados da campanha atingiram também diretamente a sociedade civil, levando movimentos sociais e representantes de diversas categorias (jornalismo, comércio, funcionalismo público, cultura e esportes) a organizarem eventos e arrecadarem doações para a Casa do Estudante. Dentre esses, um dos mais destacados foi o movimento de mulheres da classe média paraibana, as Bandeirantes do Brasil, liderada por figuras ligadas a política como, Myriam Bezerra e Ofélia Gondim, que atuaram na organização de eventos estudantis e como membros ativos na execução do plano de arrecadação para construção dessa nova Casa do Estudante²³.

Por meio da parceria de grupos como as Bandeirantes e da participação de integrantes do jornalismo, como José Leal, essa instituição passava a receber doações do comércio local e organizar uma série de eventos que iam desde jogos esportivos (Treze x Botafogo), torneios de queda-de-braço e filmes no Cinema Plaza. Somada a isso, a comissão de estudantes liderada por Wilson Braga, José Barbosa de Souza, José Soares Madruga, e outros, formava grupos para visitar municípios e requerer a subvenção da Casa, organizavam rifas, atuavam até na compra e venda de automóveis e marcavam constantes encontros com lideranças políticas locais.

Quanto ao início e amplitude dessa campanha da CEP, necessário é compreender que isso não ocorreu de caso impensado, no sentido de um movimento improvisado dos estudantes visando melhorar as suas condições materiais de acomodação e alimentação na Capital. Bezerra (2017) defende o período de 1950 na CEP como caracterizado pela produção de uma narrativa por parte desses grupos de estudantes que, através da participação da imprensa, atingiria diretamente diversos setores da sociedade e, conseqüentemente, seria capaz de mobilizar esses setores sociais para suprir as demandas dos estudantes.

Tratava-se, na realidade, de divulgar a imagem desses estudantes como humildes e com grandes perspectivas de sucesso na vida profissional e acadê-

23 Quanto a ação das Bandeirantes do Brasil em prol da Casa do Estudante, ver: SOUTO, José Morais. Daqui e Dalí. In: O Norte, 01 de março de 1952, Ano XLII, nº 608.

mica, como foi veiculado no jornal A União e O Norte e, assim, atrair os olhos da classe média paraibana de João Pessoa para a CEP. Iniciativa que começou a ocorrer na administração de Wilson Leite Braga (1951/1952), quando esse então presidente afirmava, já nas primeiras reuniões com os estudantes da Casa²⁴, sobre a necessidade de promover estratégias para chamar atenção das senhoras benfeitoras das tradicionais famílias da cidade:

A iniciativa de Braga visava atingir a feição de senhoras bem feitoras das famílias tradicionais e, com isso, conseguir o apoio de um aliado caridoso nas campanhas de arrecadação que apelavam para doações de mantimentos, ajudar na reforma de ampliação e construir uma imagem positiva do grupo que se mostrava proativo em superar os desafios demandados (BEZERRA, 2017, p. 169).

Com planejamento das ações e toda essa estrutura montada através da participação de setores da Imprensa paraibana, a CEP conseguiu durante a administração de Wilson Braga muitas doações, inclusive desse grupo definido como de “senhoras benfeitoras”. Conseguiu ainda movimentar a participação dessa gama de parlamentares, sendo também utilizada para projetar positivamente a imagem de governos, como foi o caso de José Américo de Almeida, geralmente descrito nos jornais como “aquele que mais investiu recursos em prol da CEP de João Pessoa²⁵”.

Diante de uma administração prestigiada no meio estudantil e político, em face da política desenvolvida a frente da CEP, Wilson Braga conseguiu se estabelecer como principal líder dessa instituição e ainda ampliar sua rede de influência para outros setores da política estudantil. No ano de 1952, por ocasião das eleições para presidente da Vanguarda Estudantil da Paraíba (VEP)²⁶, apoiou a candidatura do seu amigo e colega da CEP, José Soares Madrugá, con-

24Loureiro (1989, p. 65) cita uma dessas primeiras reuniões da CEP ocorrida sob a presidência de Wilson Braga, onde este comentava que a Casa do Estudante iria “dar uma festa à sociedade de João Pessoa”.

25Em O Norte, João Pessoa, 19 de março de 1952, o governo de José Américo é descrito como o que mais beneficiou a Casa do Estudante se comparado aos seus antecessores.

26A Vanguarda Estudantil da Paraíba (VEP) foi uma associação dos estudantes secundaristas (nível médio) fundada em 1949 em João Pessoa. Em 1956, com a deliberação da União Brasileira dos Estudantes secundarista (UBES) que criou a AESP para representar esses estudantes no estado, teve início um processo de extinção da VEP.

tra a chapa de Raimundo Nonato Batista, representante da UDN da Várzea que tinham como uma das principais lideranças o político Flávio Ribeiro Coutinho²⁷.

Da política estudantil desenvolvida na CEP, Wilson Braga se dirigiu diretamente para as suas primeiras ingressões na política partidária através da participação em associações como o Clube da Mocidade. Fundado pelo então candidato a deputado estadual Cícero Leite, esse clube foi uma espécie de iniciação política não só para ele como também para outros futuros integrantes da política do estado, a exemplo de Dorgival Terceiro Neto, Francois Leite Chaves, Judivan Cabral e José Soares Madruga.

Conforme o relato produzido por memorialistas que residiram na CEP, como os citados Loureiro (1989) e Moreno (1991/2011), o Clube da Mocidade - espaço que reunia jovens acadêmicos interessados nos sabores da vida boemia (danças, bebidas, petiscarias e namoros) e na política – foi utilizado por Cícero Leite para fortalecer sua campanha rumo a Assembleia Legislativa do Estado. Conhecendo a fama que se espalhava sobre os estudantes do Liceu estabelecidos na CEP (capacidade de oratória, melhores notas nos exames) este então candidato passou a oferecer algumas vantagens do Clube a esses jovens em troca da participação deles nos seus comícios e outros eventos de campanha:

Cícero Leite, então candidato a deputado estadual, descobriu a mina de ouro. Fundou o Clube da Mocidade, na rua Capitão José Pessoa, em Juagaribe. Botou-os como sócio em categoria especial. Quem falasse bem, teria comida, bebida e não pagaria a cota para dançar. Em contrapartida, a rapaziada sustentaria seus comícios desde a praia de Pitimbu até Cabedelo (LOUREIRO, 1989, p. 60).

No Clube da Mocidade Wilson Braga também pode fazer valer a sua liderança exercida na CEP, conseguindo eleger como presidente dessa associação uma pessoa da sua base estudantil, o colega Euclides Dias de Sá. Conforme Loureiro (1989, p. 60), embora Cícero Leite não tenha obtido sucesso no pleito disputado, as atividades políticas exercidas por esses jovens lhes permitiram boa

27 Mello (1993, p. 204) trata dessa eleição na Vanguarda Estudantil da Paraíba. Em O Norte, 06 de abril de 1952, também aborda essa eleição apresentado a cerimônia de posse de José Soares Madruga e a fala de Wilson Leite Braga homenageando o sucesso do seu colega do pleito.

proximidade com políticos do estado, especialmente da ala udenista, e conhecimento entre o eleitorado de João Pessoa²⁸.

Mesmo quando deixou a presidência da CEP em 1953, tendo encerrado dois períodos de mandato, a liderança de Wilson Braga nessa Casa ainda se fazia sentir, sendo esse espaço importante para a oficialização da sua candidatura nos quadros do partido UDN, na eleição de 1954. Em 26 de setembro de 1953 assumiu a presidência da Casa o seu amigo Dorgival Terceiro Neto, antigo integrante do grupo na condição de tesoureiro. Já no mesmo mês de setembro de 1954 Euclides Dias de Sá assumia o comando da Casa, sendo também um integrante desse mesmo grupo de Wilson Braga na administração anterior, onde ocupava a função de chefe do patrimônio.

Embora a votação expressiva de Wilson Braga em 1954 foi contabilizada no Sertão paraibano, tendo João Pessoa sido nesse primeiro momento quase que inexpressiva, a CEP foi, sem dúvida, uma instituição relevante para esse sucesso eleitoral. Basta verificarmos, nesse sentido, que grande parte dos colegas de Braga que compunha esse grupo formado na CEP eram provenientes da região sertaneja, particularmente de municípios como Conceição, Itaporanga e Piancó, áreas significativas do seu eleitorado, sobretudo, nos primeiros pleitos disputados por ele no Estado.

No entanto, percorrer essas sucessões presidenciais da CEP é deparar-se não só com a questão do acúmulo de capital político do jovem Wilson Braga, sendo tal instituição uma das primeiras fases da sua profissionalização no campo da política. A trajetória de Braga e de colegas que passaram por essa Casa é também reveladora de que este era um ponto de passagem comum percorrido pela elite política paraibana, especialmente da parcela dessa elite que comandava municípios localizados no Sertão paraibano. Como exemplos que podem ser citados, temos o próprio caso da família Braga em Conceição, e adjacências, e dos Maias nos municípios de Brejo do Cruz e Catolé do Rocha.

Nesse sentido, a ideia presente no próprio nome dessa instituição – CEP ou Casa do Estudante Pobre da Paraíba – se configura mais como uma narrativa produzida por esses jovens, e setores da imprensa, do que como marca expres-

²⁸Pimentel (2005, p. 26) cita o relato de um integrante do grupo de Wilson Braga que fazia parte do Clube da Mocidade, o Senhor Severino Alves de Andrade (Biu Bate-Bate). Este, rememorando o período de residente na CEP, fala como o Clube da Mocidade foi um espaço de projeção da carreira política de Wilson, afirmando que vários candidatos a vereador ligados a UDN estavam integrados a ele.

siva da condição econômica vivenciada por eles em suas famílias. Tratavam-se de estudantes de uma elite política que tinham várias razões para se deslocarem para a capital e residirem em instituições mantidas pelo interesse público e privado.

As condições precárias de educação vivenciadas em todo o país e latentes no Estado da Paraíba nesse período, como a falta de oferta do ensino secundário e superior em áreas distantes da capital, a exemplo do Vale do Piancó, é um desses fatores. Em face da inexistência dessas escolas, estudantes provenientes de famílias com melhores condições econômicas e, em geral, com capital político acumulado em seus municípios, afastavam-se das suas cidades natal e davam continuidade aos seus estudos em outras instituições, como o citado Liceu Paraibano.

A junção desses fatores fez da CEP uma instituição que abrigou ao longo da sua história diversos políticos que comandaram os postos mais altos da política do estado, sobretudo a partir dos anos 1950. Na lista dos residentes da Casa, e estampado geralmente em ocasiões de comemorações pela passagem de aniversários da instituição, são citados alguns dos seus ex-presidentes, com destaque para a carreira política percorrida por eles:

Instituição formadora - ao longo de sua história - a Casa do Estudante formou um leque de personalidades políticas e intelectuais, pessoas que se destacaram e ainda se destacam, entre essas, os ex-governadores Wilson Braga e Dorgival Terceiro Neto; o ex-ministro Mailson da Nóbrega; o ex-senador Francois Leite Chaves²⁹.

Sendo abrigo de jovens que eram herdeiros políticos de famílias tradicionais da Paraíba, a CEP foge diretamente da ideia de uma instituição que tinha por objetivo atender estudantes pobres do Estado. Não por acaso, autores que escreveram sobre essa Casa, a exemplo de Alves (1989, p. 269), abordam de forma satírica essa denominação de Casa do Estudante Pobre (CEP), afirmando que pobre mesmo em João Pessoa era atendido pelo padre José Coutinho - figura conhecida pelas ações filantrópicas na capital - ficando a cargo da CEP abrigar a elite de várias regiões do Estado.

²⁹CONSED. Casa do Estudante Completa 80 Anos e Integra História da Política e Educação da Paraíba. In: <http://www.consed.org.br/central-de-conteudos>. Acesso em 19/07/2021 as 8:30 horas.

Entretanto, o próprio termo elite é visto com ressalvas em relação a essa parcela de estudantes residentes na CEP. Até porque, como explicar o fato de que esses jovens, ao se deslocarem a capital para estudar, acabavam residindo em espaços com péssimas condições de habitação como a CEP? Não seria o termo elite algo inaplicável as condições materiais vivenciadas por eles em João Pessoa, bem como a própria postura de reivindicarem melhorias junto a amplos setores da sociedade e, principalmente, no âmbito político?

Victor Leal (1997, p. 43), debatendo sobre a questão da liderança dos coronéis e sua relação com a representação política municipal, pensa a situação destes coronéis em comparativo com a própria condição dos demais residentes nas suas áreas e pessoas subordinadas a ele. Para o autor, eles eram fazendeiros que mesmo detendo propriedade, terras, gados, viviam em dificuldades econômicas como a acumulação de empréstimos e outras dívidas. Porém, ainda que nessas condições e dependendo de relações políticas externas para manterem a sua influência local, tratavam-se de proprietários que tinham, portanto, uma condição econômica aparentemente mais favorável em relação aos demais, sendo denominado por esse autor como um “fazendeiro remediado” (LEAL, 1997, p. 43).

Desse modo, ainda que possa ter iniciado com o propósito de atender a população mais carente do estado - o que é algo muito improvável, sobretudo, dada as péssimas condições de acesso à educação inclusive para a própria elite - a CEP tem a partir dos anos 1950 um elemento político que a definia, particularmente, como espaço reservado à classe média do Sertão paraibano. Segundo Loureiro (1987, p. 52) o “cartão amarelo”, principal meio de entrada nessa instituição, valorizou-se de tal modo que só era ofertado a famílias consideradas de voto e prestígio político em seus municípios.

Portanto, no cenário do final dos anos 1940 e início dos anos 1950 a CEP era um espaço reservado para os filhos de famílias políticas do interior, ou correligionários ligados a elas, que pretendiam continuar seus estudos, tendo como uma das únicas opções o Liceu na capital do estado. Através de governadores como José Gomes e José Américo essa instituição passou a ser massivamente explorada por esses e outros integrantes da política estadual, tendo sido utilizada também pelos próprios residentes que transformaram esse local em uma espécie de transição para uma futura carreira na política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando ser o Liceu e a CEP os primeiros espaços percorridos por Wilson Braga em sua trajetória estudantil em João Pessoa, evidencia-se como diversos fatores contribuíram para aflorar nele um desejo, ainda jovem, pela participação na política partidária. Porém, diferentemente do que escreveram autores como Mello (1993, p. 205) a trajetória de Braga não era um caminho retilíneo em direção a legendas como a UDN. Embora a sua família e os vários contatos que ele tinha em João Pessoa pertenciam a ala udenista, teve proximidade com um universo de políticos, inclusive de agremiações rivais da UDN, como era o PL de José Américo e o PSD de Drault Ernani e Rui Carneiro.

Esse tipo de comportamento apresentado por ele – aproximação com personalidades políticas, legendas, grupos diversos - latente já nos anos de Liceu e CEP, são ainda mais evidentes quando do seu ingresso na Faculdade de Direito da Paraíba no ano de 1952. Os anos de passagem pelo ensino superior, ocasião em que Wilson Braga integra-se à política desenvolvida no Diretório Acadêmico e na UNE, foram importantes para sua entrada na carreira política.

Desse modo, à medida que participava ativamente dos principais órgãos de luta dos estudantes no estado, e se aproximava de lideranças políticas localizadas tanto à direita quanto à esquerda do debate, Wilson Braga ia já se estruturando a partir de um perfil político que seria logo denunciado pelos seus próprios colegas do meio estudantil. Tratava-se da denominação de “raposa política”³⁰, expressão muito pertinente para um ainda jovem estudante que conseguia equilibrar a sua condição de candidato udenista em 1954, com a sua aproximação com integrantes de partidos rivais, que atuavam em movimentos estudantis organizados por representantes de diversas orientações políticas.

REFERÊNCIAS

BERSTEIN, Serge. Culturas Políticas e Historiografia. In: AZEVEDO, Cecília... [et. al]. (org.). **Cultura Política, Memória e Historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

30 Loureiro (1989, p. 60), autor memorialista que conta as suas experiências vividas na CEP, utiliza essa expressão de “raposa política” para denominar jovens participantes do Clube da Mocidade, como Wilson Braga, enfatizando suas capacidades políticas para utilizarem determinadas situações ao seu favor, sobretudo por meio do uso da oratória.

BEZERRA, Francisco Chaves. **Estudantes em Movimento**: a Casa do Estudante Pobre da Paraíba como Espaço de Formação de Sujeitos (1963 a 1980). 300 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12636>. Acesso em: 05 de abr. 2022.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flavio M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 41-53.

GUEDES, Nonato. **A Fala do Poder**: perfis e discursos comentados de governadores da Paraíba. João pessoa: Forma Editorial, 2012.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LOUREIRO, Paulo Soares. **Nos Tempos do Pedro Américo**. João Pessoa: Grafset, 1989.

MELLO, José Octávio de Arruda. Wilson Braga: um capítulo da história eleitoral paraibana. In: **Poder e Política na Paraíba**: uma análise das lideranças de 1960-1990. João Pessoa, API A UNIÃO; 1993, p. 216 e 219.

MENEZES, José Rafael de. **História do Lyceu Parahybano**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1982.

MILLS, Charles Wright. **A Elite do Poder**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MORENO, Napoleão. **História e Apelidos da Casa e Outras Croniquetas**. João Pessoa: [S.N.], 1991.

MORENO, NAPOLEÃO. **A Casa do Estudante**: memória. João Pessoa: [S.N.], 3ª ed, 2011.

NORONHA, Andrius Estevam. O uso da prosopografia para o estudo de elites locais: um esboço metodológico (o caso dos empresários de Santa Cruz do Sul). In: HEINZ, Flávio M (org.). **História social de elites**. São Leopoldo: Oikos, 2011, p. 97 a 113.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e História. In: **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187 a 206.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.